

## Da Espada ao Cálice

Riane Eisler

Estamos numa encruzilhada evolutiva: colapso ou renovação, qual escolher? Vivemos numa época em que o poder letal da Espada – ampliado um milhão de vezes pelos megatons de ogivas nucleares e bioquímicas – ameaça destruir toda forma de vida. Mas existe uma alternativa: um modo de vida em que o poder vivificante e iluminador do Cálice guiará nosso mundo.

Como co-criadores da nossa própria evolução, cabe a nós escolher o caminho a seguir. Existe a trilha do poder que, no nível de desenvolvimento tecnológico em que nos encontramos, pode nos conduzir a dificuldades evolutivas insuperáveis. Existe a senda da parceria: um mundo “gylânico”, um termo que designa um tipo de sociedade em que todos, de ambos os sexos, possuem direitos iguais e vivem em pacífica cooperação, com respeito, responsabilidade e benefícios mútuos.

Nesse mundo do futuro em que mulheres e homens viverão em completa parceria, certamente ainda haverá famílias, escolas, governos e outras instituições sociais. Mas, à semelhança da família igualitária e das redes de ação social que surgirão, a base das futuras estruturas sociais se assentará mais em vínculos do que em graus de dominação. As pessoas não mais serão classificadas em hierarquias piramidais, ao contrário, as instituições serão heterárquicas, permitindo diversidade e flexibilidade de decisão e de ação.

Os papéis desempenhados por mulheres e homens serão muito menos rígidos, permitindo máxima flexibilidade de desenvolvimento para toda a espécie humana. Práticas tais como mutilação sexual feminina, espancamento doméstico e todas as outras brutalidades que serviram para que a androcracia mantivesse as mulheres “no seu lugar” não serão vistos como tradições consagradas, mas sim pelo que realmente são: crimes gerados pela dominação



e crueldade. Guerras, terrorismo e outras formas de violência não mais serão glorificados como “heróicos” em epopéias e mitos, mas condenados pelo que são: aberrações bárbaras de uma espécie voltada contra si mesma.

Quando tomarmos consciência do nosso vínculo com o próximo e com o ambiente natural, veremos definhando o antigo estado-nação enquanto entidade política concentrada em si mesma. Muitas das novas instituições terão um escopo mais global, transcendendo as fronteiras nacionais.

Contudo, ao invés de aumentar a uniformidade e o conformismo – uma projeção lógica do ponto de vista do sistema dominador – haverá mais individualidade e diversidade. As unidades sociais menores se agruparão formando matrizes ou redes em torno de vários objetivos comuns, desde o cultivo e colheita de recursos marítimos em cooperativas ao compartilhamento de conhecimento e progresso nas artes.

Haverá também outros empreendimentos globais, hoje ainda imprevisíveis, destinados a criar maneiras mais justas e eficientes de utilizar nossos recursos humanos e naturais, bem como novas invenções materiais e sociais que nós, a essa altura, ainda somos incapazes de antever.

Com a transformação global para uma sociedade de parceria surgirão descobertas tecnológicas. As técnicas atuais também sofrerão adaptações a fim de satisfazer as novas necessidades sociais. Algumas delas talvez sejam melhores tecnologias de produção artesanal, como por exemplo um retorno ao orgulho criativo e à individualidade da tecelagem, marcenaria, cerâmica e outras artes aplicadas. Mas, ao mesmo tempo, e visto que a meta é libertar a humanidade de um trabalho repetitivo e mecânico, não veremos o retorno às tecnologias de trabalho intensivo em todos os campos. Pelo contrário, com mais tempo e energia para realizar nossos potenciais criativos, é possível prever que a mecanização e automação assumirão cada vez mais uma função de apoio à vida. Os métodos de produção, de pequena ou grande escala, encorajarão e, na realidade, exigirão a participação do trabalhador, mas não



da forma como ocorria no sistema dominador, em que trabalhadores eram transformados em máquinas ou autômatos.

A grande prioridade da tecnologia será desenvolver métodos de controle da natalidade mais seguros e confiáveis. Veremos também muito mais pesquisas buscando compreender e retardar o processo do envelhecimento, desde as técnicas que já estão surgindo para substituir partes gastas do corpo até formas de regeneração celular.

Como as tecnologias de destruição não mais consumirão e destruirão tamanha quantidade de recursos naturais e humanos, empresas até então impensáveis (e atualmente inimagináveis) se tornarão economicamente viáveis. O resultado será uma economia próspera, algo pressagiado pela nossa pré-história de parceria. As riquezas materiais não serão apenas partilhadas de forma mais eqüitativa, mas haverá também uma ordem econômica na qual o acúmulo de propriedade como modo de se proteger e controlar os demais será visto pelo que realmente é: uma forma de doença ou aberração.

No cerne dessa nova ordem econômica está a substituição da deficiente "economia dupla" atual, na qual o setor econômico de dominação masculina – cujas compensações são dinheiro, status e poder – em seus estágios industriais leva à canibalização dos sistemas sociais e ecológicos. Podemos esperar que em seu lugar serão corretamente valorizadas e recompensadas as atividades da economia "informal", não-monetizada – de produção e manutenção doméstica, criação dos filhos, serviços voluntários à comunidade, e todas as atividades cooperativas que permitem que as atividades competitivas tão bem recompensadas de hoje pareçam bem sucedidas. Isso criará a base que hoje falta para que um sistema econômico onde o cuidado do próximo não mais receberá apenas elogios, mas será a melhor recompensada e, portanto, mais valorizada, atividade humana.

Reafirmando e celebrando os mistérios de transformação simbolizados pelo Cálice, novos mitos farão renascer em nós aquela sensação perdida de



gratidão e celebração da vida, tão evidente nos resquícios da arte neolítica e minóica de Creta. Ao nos religar às nossas raízes psíquicas mais inocentes – presente antes que às guerras, hierarquias de domínio e predominância masculina se tornassem nossas normas principais – essa mitologia não nos fará retroceder psiquicamente ao mundo da infância tecnológica de nossa espécie. Pelo contrário, ao entrelaçar nosso antigo legado de mitos e símbolos “*gylânicos*” às idéias modernas, prosseguiremos em direção a um mundo muito mais racional, na verdadeira acepção do termo: um mundo animado e guiado pela consciência de que, ecológica e socialmente, estamos inextricavelmente ligados uns aos outros e ao meio ambiente.

Junto com a celebração da vida virá a celebração do amor, inclusive o amor sexual entre mulheres e homens. O vínculo sexual através de alguma forma do que hoje chamamos de casamento certamente persistirá. Mas o objetivo primordial desse vínculo será companheirismo mútuo, prazer sexual e amor. A geração de filhos não estará mais relacionada à transmissão do nome e propriedade masculinos. Outros relacionamentos afetivos, não apenas de casais heterossexuais, serão plenamente reconhecidos.

A meta de todas as instituições, e não somente daquelas especificamente criadas para a socialização das crianças, será a realização dos grandes potenciais humanos. Os anos formativos da infância serão a preocupação ativa de ambos os sexos. Não somente os pais biológicos mas muitos outros adultos assumirão várias responsabilidades por esse mais precioso de todos os produtos sociais: a criança. Políticas sociais e de financiamento darão sustentação e apoio aos que dispensarão às crianças cuidados e afeto.

Uma nutrição racional, bem como exercícios físicos e mentais, tais como formas aprimoradas de yoga e meditação, serão tidos como pré-requisitos básicos para criar corpos e mentes saudáveis. E ao contrário de se destinar a socializar uma criança para levá-la a ocupar seu lugar no mundo das ordens hierárquicas o aprendizado será – como já começamos a ver – um processo de



toda uma existência visando a maximizar flexibilidade e criatividade em todos os estágios da vida.

Nesse mundo, onde a realização dos nossos mais elevados potenciais evolutivos (maior liberdade através da sabedoria e do conhecimento e maior capacidade de conscientização) guiará a política social, um dos principais focos de pesquisa será a prevenção de doenças pessoais e sociais, tanto do corpo como da mente. Além disso, o poder da mente, ainda inexplorado mas cada vez mais reconhecido, será amplamente pesquisado e cultivado.

O resultado será a revelação e o desenvolvimento de potenciais físicos e mentais até agora inimagináveis.

Pois, acima de tudo, esse mundo de parceria eqüitativa será um mundo onde a mente das crianças – meninas e meninos – não mais será restringida. Trata-se de um mundo onde as limitações e o medo não serão mais inculcados por mitos retratando seres humanos como inevitavelmente maus e perversos. Nesse mundo as crianças não ouvirão epopéias de homens honrados por serem violentos, nem contos de fadas sobre crianças perdidas em florestas assustadoras onde as mulheres são bruxas malvadas. Elas aprenderão novos mitos, epopéias e histórias de seres humanos bons, homens pacíficos e de um mundo onde o poder de criatividade e do amor simbolizados pelo Cálice sagrado – a taça sagrada da vida – é o princípio regente. Pois nesse mundo “*gylânico*” poderemos enfim dar vazão à vontade de justiça, igualdade e liberdade, à sede de conhecimento e iluminação espiritual e ao anseio de amor e beleza. E após o sangrento desvio imposto pela história androcrática, mulheres e homens por fim descobrirão o verdadeiro significado de serem humanos.

**Tradução: Rose Holland**





Photo by Michael Co

## **Riane Eisler**

Riane Eisler é uma eminente cientista social, advogada e ativista social, mais conhecida como autora do bestseller internacional *O Cálice e a Espada: Nossa História, Nosso Futuro*.

Formada em sociologia e direito pela Universidade da Califórnia, foi professora de cursos pioneiros sobre mulheres e direito na UCLA. É membro fundador do *General Evolution Research Group* (GERG) e da *Alliance for a Caring Economy* (ACE), além de membro da *World Academy of Art and Science* e *World Business Academy*. É também co-fundadora da *Spiritual Alliance to Stop Intimate Violence* (SAIV), [www.saiv.net](http://www.saiv.net). É presidente do Centro de Estudos de Parceria, [www.partnershipway.org](http://www.partnershipway.org), dedicado à pesquisa e educação.

